UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

CURSO DE JORNALISMO

PEDRO RIBEIRO FERRO

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO: BLOG MÍDIA BLACK - A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO AUDIOVISUAL

RIBEIRÃO PRETO

2022

PEDRO RIBEIRO FERRO

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO: BLOG MÍDIA BLACK - A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO AUDIOVISUAL

Relatório final apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito para graduação em Jornalismo.

Orientadora Profª. Me. Flávia Cortese Martelli.

RIBEIRÃO PRETO

2022

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

FERRO, Pedro Ribeiro, 2001-
F395b Blog mídia black: a importância da representatividade negra no audiovisual / Pedro Ribeiro Ferro. – Ribeirão Preto, 2023.
39 f. : il. color.

Orientador: Prof.ª Me.ª Flávia Cortese Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Negros – jornalismo - Brasil. 2. Negros – representatividade - Brasil. 3. Audiovisual. II. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer meus pais por me apoiar nessa jornada. Apesar de um caminho conturbado, sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram quando precisei. Realmente não há como retribuir por tudo que fizeram por mim.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos. Estivemos juntos nessa jornada chamada graduação e passamos por muitas situações semelhantes, o que permitiu nos unir e nos apoiar em ocasiões adversas e também divertidas. Não importa o que acontecer, sempre serão pessoas importantes para mim.

Por fim, gostaria de agradecer aos professores e monitores que me guiaram durante esses quatro maravilhosos, e até desafiadores, anos de graduação. Não imagino onde estaria sem vocês.

RESUMO

FERRO, Pedro R; MARTELLI, Flávia C. A importância da representatividade negra no audiovisual – Blog Mídia Black. Universidade de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2022.

Discutir racismo e empoderamento negro é muito importante para a comunidade, especialmente nos dias atuais por conta das crescentes discussões sobre o lugar dos negros na sociedade. Com movimentos de luta contra o racismo, como os Panteras Negras e Black Lives Matter, foram melhor evidenciadas as injustiças sofridas pela população negra e, assim, promovidos mais debates sobre como combater o preconceito racial. Dar continuidade a esse debate, foi o objetivo desta pesquisa para a produção de um blog, produto midiático da ciência do Jornalismo. Nomeado Mídia Black, o blog buscou por referências no meio audiovisual, como o cinema e séries de TV, de personagens que fossem exemplos de representatividade negra. Foram produzidas reportagens em texto, vídeos e podcasts a partir de entrevistas com ativistas, artistas e atores a respeito do papel desses personagens retratados no audiovisual para o empoderamento da população negra. Os blogs, especificamente, são locais na internet em que as pessoas podem discutir livremente suas ideias e fornecer conhecimento sobre a história, neste caso, a história negra.

Palavras-chave: representatividade negra, audiovisual, blog, empoderamento negro

ABSTRACT

Discussing racism and black empowerment is very important for the community, especially nowadays because of the growing discussions about the place of black people in society. With movements fighting racism, such as the Black Panthers and Black Lives Matter, the injustices suffered by the black population were better highlighted and, thus, promoted more debates on how to combat racial prejudice. Continuing this debate was the objective of this research for the production of a blog, a media product of the science of Journalism. Named Mídia Black, the blog looked for references in the audiovisual environment, such as cinema and series, of characters that were examples of black representation. Text reports, videos and podcasts were produced from interviews with activists, artists and actors about the role of these characters portrayed in the audiovisual for the empowerment of the black population. Blogs, specifically, are places on the internet where people can freely discuss their ideas and provide knowledge about history, in this case, black history.

Keywords: black representativeness, audiovisual, blog, black empowerment

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....1
1 DETALHAMENTO TÉCNICO.....4
1.1. PÚBLICO-ALVO.....7
1.2. PAUTAS.....7
1.3. ENTREVISTADOS.....9
2. SINOPSE FINAL.....9
3. ROTEIROS FINAIS.....10
3.1. ROTEIRO PODCAST 1 – MÍDIA BLACK.....10
3.2. ROTEIRO ENTREVISTA VIDEOCAST.....12
3.3. ROTEIRO PODCAST 2 – MÍDIA BLACK.....14
3.4. ROTEIRO VIDEOCAST 1.....16
3.5. ROTEIRO VIDEOCAST 2.....18
3.6. ROTEIRO VIDEOCAST 4.....20
4. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....21
5. RELATO DE PRODUÇÃO.....21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....24
REFERÊNCIAS.....26
APÊNDICES.....27

APRESENTAÇÃO

Discutir racismo e empoderamento negro é de fundamental importância para a comunidade, especialmente nos dias atuais por conta das crescentes discussões sobre o lugar dos negros na sociedade. A partir de movimentos de luta contra o racismo, como o dos Panteras Negras e *Black Lives Matter*, foram evidenciadas com maior frequência injustiças sofridas pela população negra e, com isso, foram promovidas mais e mais discussões sobre como combater o preconceito racial. Os blogs, especificamente, são locais dentro do ciberespaço em que todas as pessoas podem discutir livremente suas ideias e fornecer conhecimento sobre a história negra, além de propor maneiras de combater o racismo.

Com maior representatividade negra em filmes, jogos, séries e novelas, especificamente, são criadas maiores oportunidades de se discutir questões socioculturais presentes na atual sociedade, ao mesmo tempo em que evidencia ao público o racismo vivenciado diariamente pela comunidade negra ao redor do mundo. No entanto, a população levou tempo para chegar ao estado atual.

A humanidade nunca parou de se desenvolver. Desde os primórdios, procurou inovar para sobreviver, o que permitiu que evoluíssem e entrassem em contato com novas sociedades e culturas. A partir disso, a comunicação tornou-se o foco, o principal objeto que o ser humano busca continuamente aprimorar.

Para se comunicar, as pessoas fizeram de tudo. Aprenderam a produzir sons pela boca que fossem compreendidos por outros humanos, depois aprenderam a desenhar e cantar para descrever momentos marcantes e contar histórias tocantes. Tempos depois chegou a escrita, e com ela, novas maneira para difundir a informação.

Cartas, livros e poemas até chegar à internet e o ciberespaço, que permitiu encontros dos mais diversos tipos de pessoas, culturas, conhecimentos e interesses e a descoberta de gostos em comum.

Para CASTELLS (2002, p. 68):

> [...] o processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. Vivemos em um mundo que, segundo Nicholas Negroponte, se tornou digital.

De acordo com LÉVY (1997), a dinamicidade das novas tecnologias é tão acelerada que, quando a sociedade discute sobre como usá-las e quais os benefícios que acarretam, elas já se estabeleceram o suficiente para condicionar a sociedade e, ao mesmo tempo, tais inovações já estão em processo de surgimento. O autor (1997) também destaca:

> Dizer que a técnica condiciona significa que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério em sua presença. Mas muitas possibilidades são abertas, e nem todas serão aproveitadas (LÉVY, 1997, pg. 24)

Entretanto, os benefícios de conectividade e transmissão de informações trazidos pela internet são utilizados também para disseminar notícias falsas e mensagens de ódio em relação a diversos assuntos e, dentre eles, a questão racial, problema que assola a sociedade mundial desde a época das primeiras grandes civilizações. Mesmo depois de séculos aprendendo a se comunicar utilizando os meios mais diversos possíveis, a humanidade não foi capaz de solucionar os problemas da desigualdade racial. Segundo Almeida (2018), isso se deve muito ao fato de que o racismo está enraizado na sociedade como um todo:

> Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemonizadas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. [...] No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados em raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. (ALMEIDA, 2018, pg. 39-40)

Diariamente, são expostos casos de violência policial, por exemplo, em que negros e pardos são agredidos ou mortos apenas por causa da cor da pele. Segundo dados do Atlas da Violência 2021, 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negros, o que significa que as chances de uma pessoa preta ou parda ser morta no País são aproximadamente três vezes maiores que as de uma pessoa branca.

Apesar disso, a comunidade negra continua lutando para acabar com tais violências e conquistar os direitos que há tanto tempo lhes são negados. A partir da arte e entretenimento, como filmes, seriados de TV, blogs, livros e músicas, o movimento negro envia mensagens de protesto a toda a população, além de promover a cultura negra. Os blogs de internet, por exemplo, continuam sendo um grande veículo para propagar tais movimentos e conhecimentos, também dando mais espaço de fala à população negra. De acordo com Jenkins (2006), a

população ainda está aprendendo a usar o “poder coletivo” adquirido a partir da cultura de convergência gerada pelos novos meios de comunicação, mas, também através do entretenimento, a comunidade negra já está compartilhando conhecimentos e discutindo questões importantes dentro dos blogs há, relativamente, muito tempo.

No que se refere às produções de entretenimento, em 2019, a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) realizou o estudo *Hollywood Diversity Report 2019: Old Story, New Beggining*, em que apurou que a porcentagem de protagonistas negros em produções cinematográficas até 2017 era cerca de 19,8%, o que corresponderia a um em cada cinco filmes protagonizados por negros. Os dados da pesquisa também apontam que mulheres negras são ainda menos representadas em produções de cinema. Em relação à produção, 12,6% dos diretores de ambos os sexos são negros, entre os roteiristas são 7,8% e entre os criadores/idealizadores de produções são 9,6%.

Ribeiro (2019) destaca que é preciso questionar a falta do protagonismo negro tanto em produções audiovisuais quanto em referências bibliográficas para desenvolvimento de projetos e em cargos empresariais de grande importância. Ao evidenciar a falta de negros em papéis de destaque na sociedade, projetos e ações devem ser elaborados para combater o racismo estrutural.

Com isso, o desenvolvimento deste trabalho, o blog Mídia Black, buscou conscientizar o grande público, especialmente os jovens adultos, sobre a importância e relevância da representatividade negra a partir de textos, vídeos e entrevistas com ativistas, artistas e quadrinistas negros sobre o assunto.

No primeiro momento, para o embasamento teórico, recorreu-se à revisão bibliográfica realizada por meio da leitura de livros, artigos científicos, dissertações de mestrado e portais de notícias que abordavam o tema, seja na representatividade dentro das telas, como filmes e seriados de TV ou nos bastidores, em cargos de roteiristas, figurinistas, diretores ou produtores.

A pesquisa *Hollywood Diversity Report 2019: Old Story, New Beggining* mencionada anteriormente, por exemplo, foi essencial para a construção do projeto do blog. A partir dela e da leitura de livros sobre racismo e representatividade negra, foi possível obter dados para traçar um panorama de como a população negra é representada tanto dentro quanto fora das telas. Ressalta-se aqui que não apenas os negros, mas também os latino-americanos e asiáticos, além de mulheres, são minoria em todas as produções de Hollywood.

> Descobrir o que outros já escreveram sobre um assunto, juntar ideias, refletir, concordar, discordar e expor seus próprios conceitos pode se tornar uma

> atividade criativa e prazerosa. Divulgar o texto produzido e saber depois que outros o utilizaram e citaram é ter certeza de que está contribuindo para a ciência e para o conhecimento humano (DUARTE; BARROS, 2006, p. 61)

Além das pesquisas, matérias jornalísticas apresentaram importantes informações sobre casos de racismo e as poucas oportunidades dadas aos artistas negros em Hollywood. No entanto, mesmo que de maneira vagarosa, mais diretores – como Jordan Peele, Spike Lee, Ryan Coogler, Ava DuVernay e Dee Rees – têm se destacado cada vez mais no mercado, motivando outros artistas a persistir no mercado audiovisual e lutar por seus direitos.

No segundo momento, a partir da pesquisa de campo, foi aplicada a metodologia de entrevista em profundidade do tipo semiaberta, em que os entrevistados apresentaram suas perspectivas em relação à representatividade negra no meio audiovisual e a importância do tema no meio audiovisual.

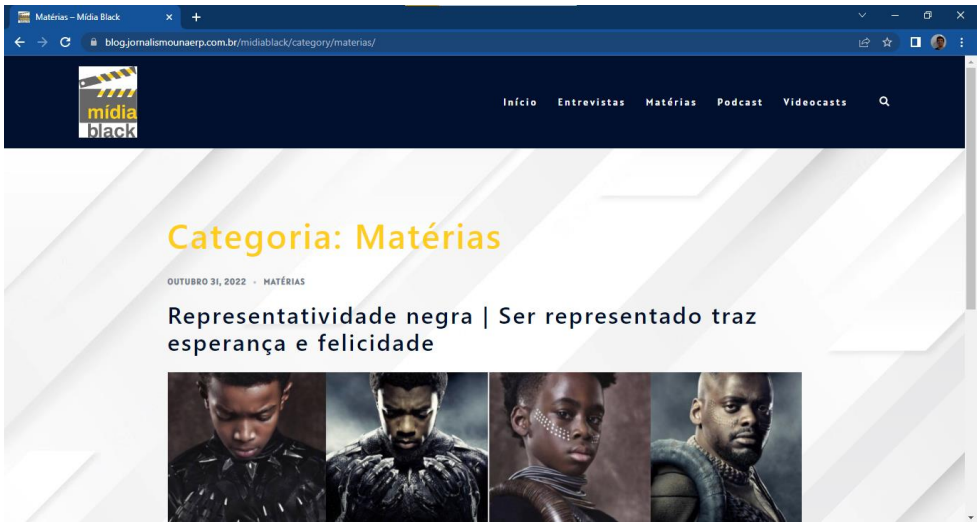
> A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista (DUARTE; BARROS, 2006, p. 66)

Durante as entrevistas, as pessoas entrevistadas relataram suas experiências de infância na busca por personagens que os representavam, algo muito difícil de se verificar antes dos anos 2000. Eles relatam que, por volta dos anos 2010, perceberam um aumento no número de personagens negros no meio audiovisual, deixando-os mais satisfeitos por verem pessoas semelhantes a eles recebendo a atenção e representação devida nas telas de cinema e séries. Tal mudança no meio audiovisual é importante tanto para os entrevistados quanto para as crianças com quem convivem, pois têm a oportunidade de se enxergar nos desenhos animados e jogos de videogame também.

1. DETALHAMENTO TÉCNICO

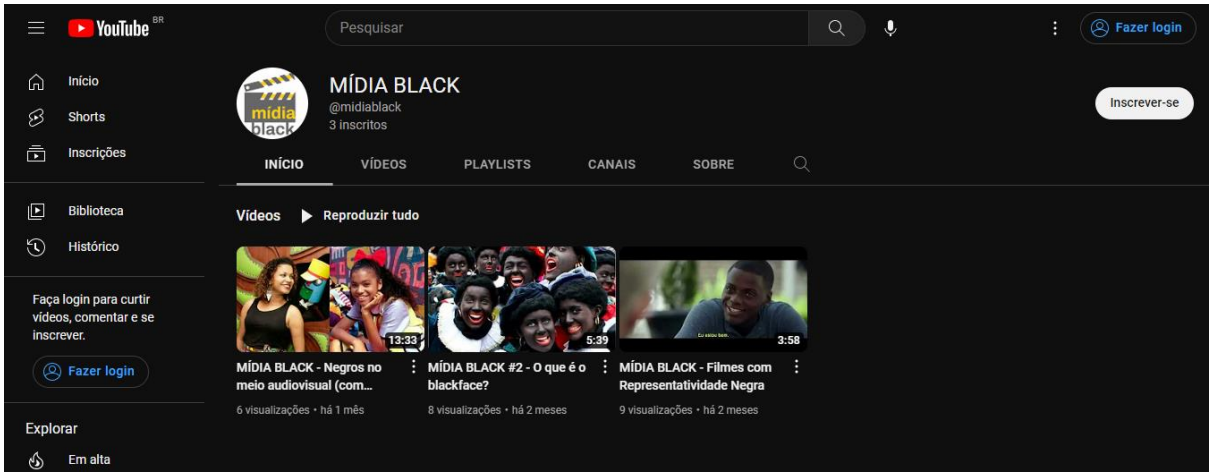
A partir do desenvolvimento do blog Mídia Black e também de suas redes sociais, como a página do Instagram, o canal do Spotify e o canal do YouTube, buscou-se evidenciar ao público temas sobre racismo e questões socioculturais, além de também discutir a importância da representatividade e empoderamento negro a partir de vídeos, textos e entrevistas.

Para a criação do blog, foi utilizada a plataforma Wordpress, a qual foi apresentada durante o curso e trabalhada em estágios. A plataforma possibilitou que os conteúdos sobre representatividade negra fossem divididos em textos, vídeos e áudios, além de links para conteúdos extras produzidos em outras redes sociais.



Categoria de matérias no blog Mídia Black

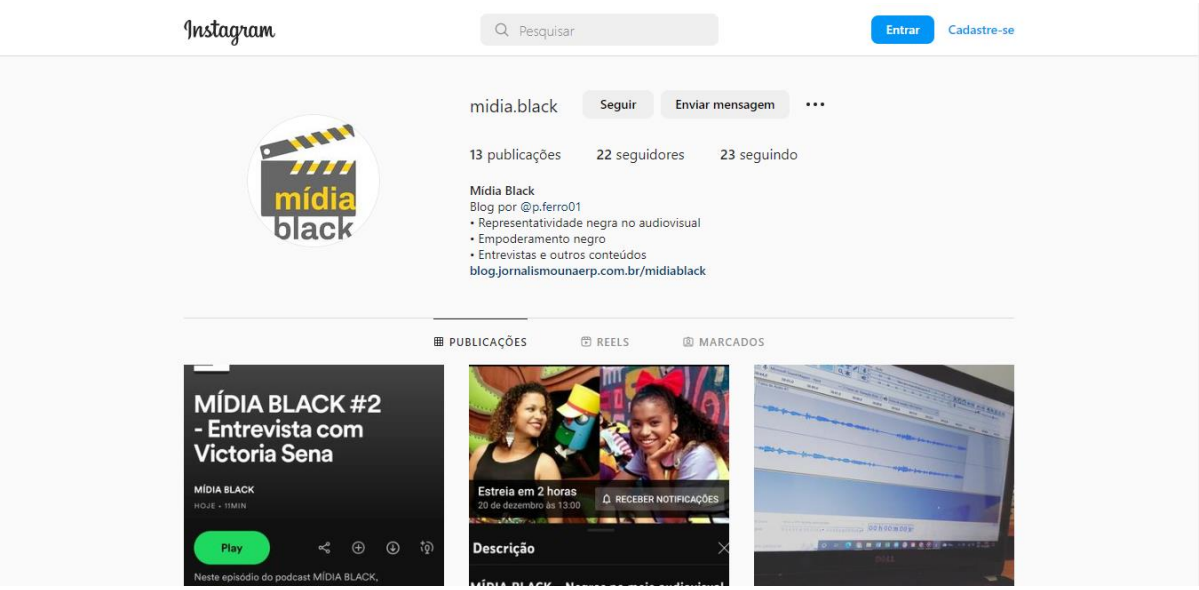
Em paralelo à criação do blog via Wordpress, foi criado o canal de YouTube do Mídia Black. O formato em vídeo permitiu que recomendações, discussões e entrevistas fossem apresentadas ao público de maneira mais descontraída e dinâmica. Para gravar determinados vídeos, o celular e uma filmadora caseira foram utilizados para realizar as gravações. Para a entrevista, a qual foi realizada via Google Meet, foi reservado um horário em uma das salas de edição da TV Unaerp para gravar a entrevista.



Canal do YouTube do Mídia Black

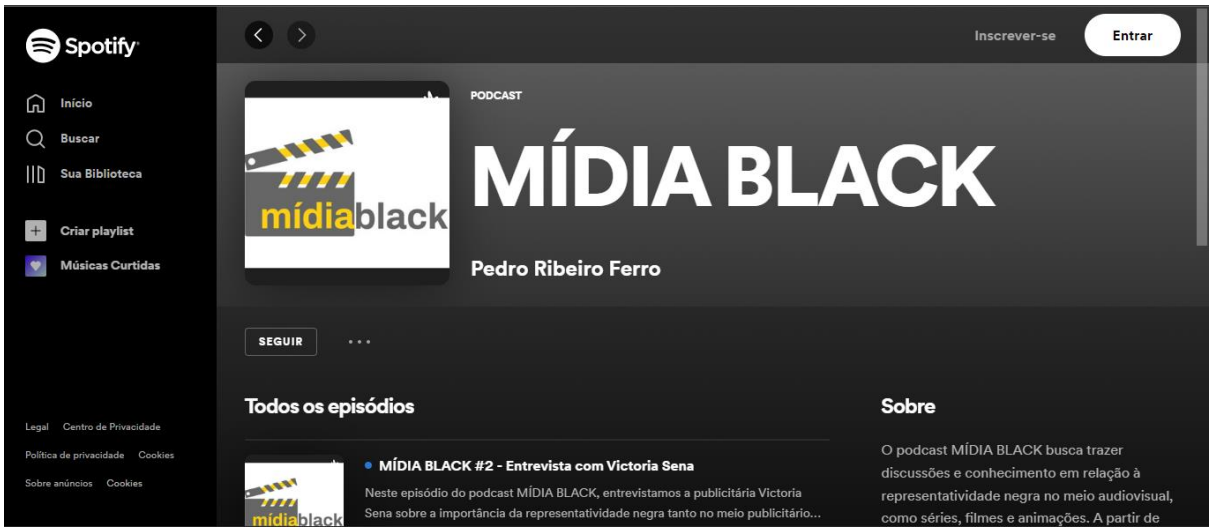
Todos os vídeos produzidos para o canal, no entanto, foram editados por meio do programa de edição Movavi Video Suite, o qual está instalado no computador pessoal.

A página do Instagram serviu, principalmente, para divulgar os conteúdos produzidos para o blog, YouTube e Spotify. Entretanto, ainda assim houve a liberdade para criar vídeos inéditos sobre representatividade negra voltados para o Instagram.



Página do Instagram do Mídia Black

Por fim, o Spotify foi a plataforma usada para postar outras entrevistas em formato de áudio. Os áudios foram captados no computador por meio do programa Audacity e editados também no programa Movavi Video Suite.



Página do Spotify do Mídia Black

1.1 PÚBLICO-ALVO

O entretenimento é para todos, independentemente da idade, gênero ou cor, assim como a discussão sobre os assuntos abordados em um filme, por exemplo. No entanto, o blog Mídia Black busca atingir jovens adultos, mais especificamente entre 20 e 25 anos.

Isso se deve ao fato de que essa faixa-etária é que está mais ativamente protestando contra os preceitos estabelecidos pela sociedade e buscando novos meios de fazer as comunidades evoluírem.

1.2 PAUTAS

O blog Mídia Black busca apresentar conteúdos que discutam a representatividade negra no meio audiovisual junto das temáticas trazidas nessas produções. Além disso, procurou-se trazer o ponto de vista de pessoas que estão constantemente trabalhando para que haja maior representação preta nos filmes, séries, novelas e outras mídias.

Pauta 1

PROJETO JORNALISMO DE INOVAÇÃO 2022-2 **PAUTA**
Nome do aluno: Pedro Ferro Blog: Mídia Black - representatividade negra no audiovisual Data: 27/9/2022
Pauta videocast 1: O vídeo irá apresentar filmes que apresentam forte representatividade negra, abordando questões sociais, fatores históricos e até mesmo empoderamento negro. Além disso, serão apresentadas algumas curiosidades sobre cada um dos filmes.

Pauta 2

PROJETO JORNALISMO DE INOVAÇÃO 2022-2 **PAUTA**
Nome do aluno: Pedro Ferro Blog: Mídia Black - representatividade negra no audiovisual Data: 25/10/2022
Pauta videocast 2: O 2º videocast do blog Mídia Black irá apresentar os conceitos e a história do black face, prática teatral em que atores brancos pintavam seus rostos para interpretarem personagens negros. Entretanto, a representação era feita de maneira estereotipada, racista e ridicularizante.

Essa pauta será conectada com a matéria realizada para o professor Paulo, onde será abordado o tema de “white washing” nas produções audiovisuais, mostrando como várias produções procuraram apagar a diversidade em suas tramas.

Pauta 3

PROJETO JORNALISMO DE INOVAÇÃO 2022-2 **PAUTA**
Nome do aluno: Pedro Ferro Blog: Mídia Black - representatividade negra no audiovisual Data: 16/11/2022
Pauta videocast 3: O terceiro vídeo produzido para o canal do Mídia Black será uma entrevista estilo ping-pong com a estudante de Artes Cênicas Natalie Melody Chaves Soares, de 22 anos, sobre a realidade dos negros dentro do meio audiovisual e a importância da representatividade e empoderamento negro para a indústria cinematográfica.

Pauta 4

PROJETO JORNALISMO DE INOVAÇÃO **PAUTA**
Nome do aluno: Pedro Ferro Blog: Mídia Black - representatividade negra no audiovisual Data: 23/01/2023
Pauta videocast 4: O quarto e último vídeo produzido para o canal do Mídia Black será um trailer do canal, apresentando a proposta do canal e também do blog como um todo além de apresentar as motivações que levaram à criação do projeto.

1.3 ENTREVISTADOS

Ana Flávia Cardoso, mais conhecida como Ana Cardoso, é ilustradora e autora de histórias em quadrinhos. Seu primeiro trabalho como autora foi o quadrinho “Quando você foi embora”, lançado oficialmente na Comic-Con Experience de 2018, em São Paulo. Ana contou sobre a falta de representatividade negra na infância, mas afirmou como o crescente movimento de inclusão tem beneficiado as novas gerações.

Victória Cássia Sena da Silva é formada em Publicidade e Propaganda e ativista. Durante a entrevista, Victória comentou como sempre procura adicionar representatividade em seus projetos, já que a sociedade é diversa por si só, e que isso deveria acontecer também no meio audiovisual.

Natalie Melody Chaves Soares é graduanda de Artes Cênicas. Durante a entrevista, ela comentou como são necessárias mais pessoas negras na indústria do cinema, pois muitos papéis destinados a negros ainda são muitos genéricos e com pouca profundidade.

2. SINOPSE FINAL

A representatividade é algo extremamente importante, pois permite que os mais diferentes grupos de pessoas sejam representados em filmes e seriados, por exemplo. A partir da representatividade, discussões sobre gênero, raça e questões sociais podem ser abordadas para que, assim, o público telespectador passe a se conscientizar melhor sobre determinado assunto e, então, a estuda-lo.

Especificamente a representatividade negra é essencial para a população e tem crescido consideravelmente nos últimos dez anos. Apesar de poucos negros envolvidos no processo de produção de filmes, séries e outros, é perceptível como os personagens destinados a negros estão ganhando mais camadas, mais profundidade e personalidade. Não só isso, mas tais personagens passaram a gerar admiração por parte do público, também servindo de inspiração para o público mais jovem.

No entanto, ainda são precisas muitas discussões e debates para que haja uma representatividade mais significativa no meio audiovisual. Os exemplos existentes de representatividade negra atualmente, como nos filmes Pantera Negra, Medida Provisória, A Mulher Rei e Homem-Aranha No Aranhaverso, podem e devem servir de base para uma indústria audiovisual mais diversa e acolhedora.

3. ROTEIROS FINAIS

3.1. ROTEIRO PODCAST 1 - MÍDIA BLACK

Trilha de abertura **Loc Pedro:** **Continuação da trilha**	Never Surrender - Anno Domini Beats Nome do podcast (Mídia Black)
Loc Pedro	Sejam muito bem-vindos ao Mídia Black, o seu podcast sobre representatividade negra. Neste primeiro podcast, trouxe a ilustradora de quadrinhos Ana Cardoso, responsável pelas ilustrações de HQs como Carol Cabelos de Caracol e Contra o Tempo, além de autora de Quando Você Foi Embora e Mingau, da MSP. Apesar de trabalhar com histórias em quadrinhos, Ana tem uma visão muito pessoal sobre a representatividade negra no meio audiovisual. Isto é, cinema, séries de TV, novelas, entre outros. Ela inclusive destaca seu envolvimento com a série animada do Menino Maluquinho na Netflix, onde foi responsável pelo design da personagem Julieta.
Ana Cardoso	**I:** Eu vou ter uma visão totalmente diferente de você… **F:** … a Netflix vai fazer a série animada do Menino Maluquinho e eles me convidaram pra fazer a Julieta, que era uma personagem branca, virar uma personagem negra. Então fui refazer a Julieta, desenvolver uma nova Julieta.
Loc Pedro	Ana também contou como ela usou a si mesma na infância durante o processo de desenvolvimento da personagem
Ana Cardoso	**I:** Toda a personagem dela foi baseada na criança que eu fui… **F:** … vai trazer uma versão do Ziraldo pra essa nova geração, que vai ser uma experiência bem diferente da que eu tive.

Loc Pedro	Apesar da importância de tratar questões raciais em todo o entretenimento, a ilustradora afirma que gosta de trabalhar histórias diferentes em seus projetos.

Ana Cardoso	**I:** Pelo fato de eu ser uma pessoa que sou da parte de criação… **F:** … as pessoas do meu mundo não são brancos não. A família que eu vou escrever a história pode até ser, mas não é branco meu mundo.
Loc Pedro	Ana também brinca sobre como se sentiu quando foi premiada por Quando Você Foi Embora, seu primeiro quadrinho como autora, na Comic-Con Experience de 2018 em São Paulo
Ana Cardoso	**I:** No final de 2018 eu lancei um quadrinho… **F:** … eu dei uma entrevista na época e perguntaram "como você tá se sentindo?" e eu falei assim: "eu estou com ego de homem branco heterossexual, posso?".
Loc de encerramento Pedro	E esse foi o nosso primeiro episódio do podcast Mídia Black, com a ilustradora Ana Cardoso como nossa convidada. Compartilhem para que tenhamos mais conversas como essa aqui no podcast. Eu sou Pedro Ferro e esse foi o Mídia Black!
Trilha de encerramento	Never Surrender - Anno Domini Beats

3.2. ROTEIRO ENTREVISTA VIDEOCAST

Sobre som de trilha + Abertura Pedro	Seja muito bem-vindo ao Mídia Black, eu sou seu anfitrião Pedro Ferro. E, bom, hoje eu vou entrevistar a estudante de Artes Cênica Natalie Melody Chaves Soares, de 22 anos, e ela vai falar um pouquinho mais sobre como é ser um negro dentro do meio audiovisual e o que é preciso ser feito para que possamos ter uma representatividade digna.
Natalie Melody	**I:** Meu nome é Natalie Melody... tem que ser meu nome completo? **F:** Atualmente estou entrando em sonoplastia. Trilha sonora e sonoplastia.
Pedro	É possível perceber no meio acadêmico da sua universidade um tratamento diferenciado para com alunos negros? Se sim, isso ocorre entre alunos e professores?
Natalie	**I:** Bem, dentro da minha universidade, do meu curso, que é o curso de Artes Cênicas... **F:** ...Tive um baque em que tinha eu e uma outra aluna que estávamos com... dificuldade, podemos assim dizer. Só que eu tinha que mostrar maturidade e a outra aluna recebia acolhimento.
Pedro	Como são abordadas as questões raciais entre os atores e artistas do seu curso?
Natalie	**I:** Dentro do meu curso tem uma professora que trabalha corpo e ancestralidade, e ela é uma mulher branca... **F:** ...E aí, teve toda essa troca com os outros alunos, por exemplo comigo, com a Luanda, com a Carol, que nós tínhamos um negócio afetivo, de choque, porque são pessoas iguais à gente. E a gente tem essa troca, mas nunca parte das pessoas brancas do curso.
Pedro	Em sua opinião, como incentivar o público a partir das produções artísticas a discutir racismo e empoderamento negro?
Natalie	**I:** Essa é difícil. Eu acho que tem que ser inserido desde os desenhos, desde a infância. Porque se você inserir desde agora, com adultos, vai acontecer a mesma coisa que está acontecendo com a Ariel...

	F: ...e aí, no futuro, a gente consegue abordar outras obras. Mas é necessário também para os adultos, não estou falando que não é necessário. Mas acho que é um jeito.
Pedro	Em sua opinião, o que a indústria do cinema pode fazer para se tornar mais inclusiva para todos os grupos de pessoas?
Natalie	**I:** Nos colocar para papéis normais, que não seja racializado (os específicos). A gente só entra em *casting* que está lá bem específico... **F:** ...”eu não tenho condição de gravar isso”. Não era a minha personagem que se descobria como uma pessoa negra, que se entendia como uma pessoa negra. Era de uma outra personagem, mas eu fiquei tão pistola da vida. E aí eu entrei dentro do grupo de roteiro e fiz reescrever o episódio.
Pedro	Quais peças teatrais e/ou filmes são essenciais para se discutir a representatividade e empoderamento negro?
Natalie	**I:** Eu sou apaixonada por Hairspray. Eu sou loucamente apaixonada por Hairspray. Agora está tendo uma peça sobre a vida da Alcione... **F:** ...eu vou ficar aí na Biba, e depois eu tive o contato com os youtubers e aí que eu comecei a me compreender melhor como uma pessoa negra, porque no YouTube eu comecei a ter acesso a pessoas que são iguais a mim, e que narravam sua vida. Foi legal.
Pedro	Espero que você tenha gostado dessa entrevista. E tem ainda mais algumas coisas tanto aqui no canal do YouTube quanto no blog Mídia Black. Vai lá, acessa lá e veja esses conteúdos maravilhosos, beleza? Valeu! Até mais.

3.3. ROTEIRO PODCAST 2 – MÍDIA BLACK

Trilha de abertura **Loc Pedro:** **Continuação da trilha**	Never Surrender - Anno Domini Beats Nome do podcast (Mídia Black)
Loc Pedro	Seja muito bem-vindo ao Mídia Black, o seu programa sobre representatividade negra. Hoje vamos conversar com a publicitária Victoria Cassia Sena da Silva para falar da importância da representatividade negra no meio publicitário e no meio audiovisual. Falando do meio publicitário, Victoria destaca que a presença de figuras negras ainda é vista como algo impressionante, mas ainda é perceptível a falta de representantes importantes da comunidade negra para tratar de assuntos mais específicos.
Victoria Sena	**I:** A publicidade tem evoluído em vários sentidos, ela já foi por si só estruturalmente muito racista, muito excludente e percebo, através de análises desde a faculdade, que... **F:** ...Então, geralmente, esses influenciadores estão inseridos em categorias como beleza, então a gente não vê influenciadores negros como referência em jogos, em culinária ou em temas mais nichados, é sempre um tema mais abrangente, que é onde tem maior possibilidade de serem contratados. Mas mesmo assim eles são contratados para falar sobre raça.
Loc Pedro	Já no meio audiovisual, ela elogia empresas como a Netflix por dar mais oportunidades a cineastas negros menos conhecidos para exibirem seu trabalho para um público maior.
Victoria Sena	**I:** Acho que, tipo, a Netflix é um bom exemplo. Eles têm se esforçado muito criar condições de pessoas negras... **F:** ...Donald Glover, para mim, é um gênio! Tipo, Atlanta é... sei lá. Atlanta é uma coisa assim: toda vez que assisto, e eu e assisto várias

	vezes, eu penso “velho, isso aqui é muito foda, é muito foda”, porque traz várias situações do cotidiano. Eu já estou mudando de assunto sem querer, mas eles trazem ali um pouco do surrealismo, mas é meio surreal mesmo ser uma pessoa negra no mundo. Tem algumas cenas que duram ali só dois segundos que falam muita coisa.
Loc Pedro	Victoria também destaca a importância de desenvolver personagens envolventes e que se conectem com o público de maneira mais íntima.
Victoria Sena	**I:** Quando uma história é contada ao redor de uma pessoa negra, não tem como – eu acho – abordar as questões raciais, o racismo que ela sofre, a menos que seja uma sociedade totalmente fictícia... **F:** ...Então eu acho que trabalhar em cima da história desse Aranhaverso para além das condições raciais dele e das condições sociais dele foi também uma coisa que veio da sociedade de, tipo, se relacionar com a história de um cara branco e pensar “esse cara branco é preto!”. Para além da pessoa ter uma personalidade, ser uma pessoa inteligente, ser uma pessoa interessante, ser uma pessoa, sei lá genial ou engraçado, essa pessoa ainda assim é negra. Então, as coisas vão fazer ela ser tudo isso que ela é o fato dela ser uma pessoa negra também.
Loc Pedro	Não é só no cinema e nas séries de TV que devem haver personagens negros profundos, mas Victoria destaca que os videogames também deveriam apresentar algo semelhante. Apenas apresentar um protagonista cativante, mas os desenvolvedores de jogos devem permitir que o jogador crie o boneco à sua própria imagem.
Victoria Sena	**I:** Eu acho importante essa questão de criar seu próprio personagem, mas eu acho que é ainda mais importante a indústria reforçar esse herói negro. Assim, de você ter alguém... **F:** ...Enfim, está muito personalizável. Eu acho que é importante porque, também, eu não conseguia fazer uma personagem que se parecesse muito comigo, e agora eu consigo! Ainda assim reforço

	que a indústria precisa construir personalidades que tenha aparências pretas e, talvez, histórias pretas por trás, sabe?
Loc de encerramento Pedro	E essa foi a entrevista com a publicitária Victoria Sena sobre a representatividade negra na publicidade e no meio audiovisual. Esperamos que tenha gostado desse episódio e que compartilhe a página do Mídia Black com os amigos!
Trilha de encerramento	Never Surrender - Anno Domini Beats

3.4. ROTEIRO VIDEOCAST 1

Trilha de abertura	Never Surrender - Anno Domini Beats
Loc Pedro	Seja muito bem-vindo ao Mídia Black, eu sou seu anfitrião Pedro Ferro e hoje nó vamos apresentar três filmes com forte representatividade negra.
Inserção de clipe	**Trailer de Pantera Negra**
Loc Pedro	Vamos começar por Pantera Negra, filme de 2018, que colocou no imaginário popular a ideia de um super-herói negro. O personagem não é uma versão negra de nenhum super-herói, mas uma criação original da Marvel Comics. O filme de 2018 discute muito a questão de poder de nações africanas, o poder da comunidade negra, além de discutir questões de imigração e questões governamentais da época. Ainda em 2018, a discussão sobre a construção do muro na fronteira entre o México e EUA era bastante polêmica. O longa também foi importante por enfim entender a importância de personagens/protagonistas negros, e isso também foi um marco para a comunidade negra por se sentirem empoderados a partir de um herói negro e que é rei da nação mais poderosa do mundo.
Inserção de clipe	**Trailer de Corra!**
Loc Pedro	O filme Corra!, de Jordan Peele, trata de questões raciais quando o protagonista visita os sogros, os quais usam pessoas negras como objetos, como casulos, para poderem viver mais e aproveitar os atributos de suas vítimas.

	O diretor Jordan Peele aborda frequentemente questões raciais presentes nos EUA, sobre como a comunidade negra é tratada e vista pela parcela branca da sociedade.
Inserção de clipe	**Trailer de Mulher Rei**
Loc Pedro	E o filme mais recente dessa lista é Mulher Rei, que traz a história real de uma nação africana no meio do século XIX que está dividida em seguir com seus métodos escravistas para continuar relevante no comércio com os europeus e se renovar no seu comércio, mas ainda sendo relevante, além de se tornar uma nação mais humana. No longa, Viola Davis é líder da guarda real e a atriz faz um trabalho incrível, mostrando as dificuldades de ser uma guerreira negra em a várias nações extremamente machistas, principalmente as europeias que tratavam os negros como seres inferiores, e as mulheres eram vistas como seres ainda mais inferiores. Por fim, esse filme é incrível e reforça o poder da comunidade negra, independentemente do sexo.
Loc Pedro finalização	Esse foi o vídeo de hoje, foram três recomendações de filmes que vale muito a pena assistir. E Mulher Rei tá valendo muito a pena ver no cinema. Até mais!

3.5. ROTEIRO VIDEOCAST 2

Loc Pedro	Seja muito bem-vindo ao Mídia Black, eu sou seu anfitrião Pedro Ferro e hoje estou aqui para falar de um tema um tanto polêmico que já esteve presente no meio audiovisual. Isso que estou falando é o black face, que se iniciou no século XIX, bem antes de filmes e seriados. Começou no teatro, onde atores brancos se pintavam de cores escuras para fazer personagens negros. No entanto, eles não o faziam pela falta de atores negros, mas por questões racismo e também porque muitos países ainda se utilizavam do escravismo, além do fato dos negros não serem permitidos em vários locais, como o teatro.
Imagem de exemplo de black face	
Loc Pedro	Então os atores brancos se pintavam de preto e faziam sátiras, tiravam sarro de pessoas negras e não criavam um personagem negro real. Naquela época, o teatro ainda era uma atividade exclusiva da elite branca, então tiravam sarro de tudo que bem entendiam, de coisas que hoje são inaceitáveis. Nas peças, os atores faziam sátiras da maneira que o negros se portavam, do sotaque deles e muitos outros estereótipos extremante racistas, tudo pelo “bem do entretenimento” deles.
	O black face, no entanto, não sumiu rapidamente. A prática foi criada no século XIX e perdurou em peças teatrais, filmes e programas de comédia por vários anos. Com o aumento de visibilidade do movimento negro americano na década de 1960 nos EUA, a prática começou a enfraquecer e a sumir. Não desapareceu imediatamente, claramente, no dias atuais isso não é mais visto.
Imagem de exemplo de black face	

Loc Pedro	Inclusive, havia um programa na BCC na década de 1960, onde todo o elenco de protagonistas se pintava de preto e fazia sátiras sobre a comunidade negra. Felizmente, tal prática não mais vista, isso não é mais feito. Temos atores negros e produtores negros, o que possibilitou que tal prática racista deixasse de ser usada no meio audiovisual e o teatro.
Loc Pedro finalização	Então trouxe aqui um pouco da história dessa prática racista que esteve presente no meio audiovisual por muito tempo que, felizmente, não se encontra mais entre nós. Infelizmente, essa questão não aconteceu apenas com negros, com atores brancos tendo satirizado pessoas de origem asiática e árabe. Ou seja, sátiras estereotipadas não são exclusivas para a comunidade negra. Tais práticas foram e são bastante discutidas e houve muita luta para que isso sumisse, deixando de ser algo persistente no meio audiovisual, e agora temos a possibilidade de ver atores negros, asiáticos e mulheres de todas as origens, tornando o meio audiovisual mais diverso e muito bem representado.

3.6. ROTEIRO VIDEOCAST 4

Trilha de abertura	Never Surrender - Anno Domini Beats
Loc Pedro	Seja muito bem-vindo ao Mídia Black, o canal sobre representatividade negra no meio audiovisual, onde eu, Pedro Ferro, serei seu anfitrião. Eu sou estudante de jornalismo da Unaerp e, através do blog, procuro me aprofundar no maravilhoso mundo do entretenimento juntamente com a representatividade negra. Aqui no canal temos entrevistas e alguns vídeos sobre curiosidades sobre a história do meio audiovisual e empoderamento negro no cinema. Mas não tema, temos conteúdos também no blog do Mídia Black em www.blog.jornalismounaerp.com.br/midiablack, no Spotify e também o Instagram. Então, aproveite esses conteúdos maravilhosos aqui no canal e te vejo nas redes do Mídia Black para falar mais sobre representatividade e empoderamento negro. Valeu e até mais!
Trilha de encerramento	Never Surrender - Anno Domini Beats

4. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

- Julho: entrevistas com a ilustradora Ana Cardoso e a publicitária Victória Sena;

- Agosto: início do desenvolvimento do relatório do produto e orientações sobre o mesmo;

- Setembro: início do desenvolvimento do produto midiático blog e entrevista com Natalie Melody, graduanda em Artes Cênicas;

- Outubro: continuidade no desenvolvimento do blog e preparação para qualificação do Trabalho de Conclusão de Curso;

- Novembro: finalização do relatório e adição de conteúdos voltados ao produto do blog Mídia Black, sendo eles vídeos, matérias de texto e podcasts;

- Dezembro: edições finais em conteúdos voltados para o blog Mídia Black, realização de entrevistas complementares para o mesmo e adição de informações no relatório final.

5. RELATO DE PRODUÇÃO

A representatividade negra sempre foi algo muito importante para mim, especialmente nos desenhos animados da minha infância. Figuras como Biba de castelo Rá-Tim-Bum, Super Choque, Ciborgue de Jovens Titãs, João de Cocoricó e o Lanterna Verde John Stewart eram os maiores e até mesmo os melhores exemplos de representatividade negra que tive quando criança, o que me fez prestar atenção em como os personagens negros eram representados no cinema, séries de TV e até nos jogos de videogame.

A partir de tais exemplos da época de infância, minha paixão pela cultura pop e meu desenvolvimento como pessoa, especialmente no período de graduação, decidi que desenvolver um projeto abordando a representatividade e empoderamento negro no meio audiovisual seria fundamental. No entanto, a concepção do projeto em si demorou um pouco mais que o esperado.

Inicialmente, antes mesmo do último ano graduação do curso, a ideia era desenvolver um livro-reportagem que trouxesse uma coletânea de relatos e entrevistas falando sobre a

representatividade negra vista no dia a dia e o que poderia ser feito para melhorar a representatividade presente no meio audiovisual. Entretanto, ao conversar com minha orientadora, Flávia Martelli, sobre a proposta do livro-reportagem, a ideia não progrediu pelo fato de que o potencial da discussão que eu procurava desenvolver não seria alcançado da maneira que deveria.

Após um período de discussão, eu e minha orientadora chegamos à conclusão de que um blog seria o mais ideal para realizar a discussão sobre representatividade e empoderamento negro, além de expandir o debate para diversas mídias, como vídeos, textos e podcasts. Assim, o projeto estava em andamento e, não muito tempo depois, duas entrevistadas já estavam definidas.

A quase que instantânea decisão pelas fontes Victória Sena e Ana Cardoso se deram pelo fato de que eu já havia tido contato prévio com elas antes. No semestre em que foram instituídas as aulas à distância, eu e o grupo ArtElharia da Rádio Unaerp estávamos buscando por artistas distintos para realizar um programa de podcast e tive a oportunidade de conversar com a ilustradora Ana Cardoso. Já a publicitária Victória Sena, tive contato com ela durante uma palestra promovida pelo próprio curso de Jornalismo bem no início do desenvolvimento da Revista Buzz de 2021.

A ilustradora foi a mais difícil de entrevistar, pois, como ela possui uma agenda extremamente dinâmica por conta dos seus projetos, foi demorado para que ela respondesse e, depois, marcar um dia para conversar. Apesar das complicações, a entrevista foi marcada e a conversa que tive com Ana foi extremamente divertida. Realmente pareceu uma conversa entre dois amigos, rendendo mais de uma hora de conteúdo. No entanto, muito dessa conversa foi cortada para o desenvolvimento do podcast.

Marcar a entrevista com Victória Sena foi relativamente mais fácil, apesar dela também possuir uma agenda dinâmica. A conversa com Victória acabou sendo um pouco mais séria, isso porque ela possui um olhar mais técnico sobre a questão. Não que a entrevistada anterior não tenha sido crítica em relação à maneira como a representatividade negra é tratada no meio audiovisual, mas Ana apresentou pontos de vista diferentes tanto no quesito profissional quanto no pessoal se comparados aos de Victória, algo excelente para a construção e desenvolvimento do blog.

Após gravadas ambas as entrevistas, houve uma mudança de foco momentânea para desenvolver melhor o relatório do projeto e discutir como o blog seria estruturado. Durante essa mudança de foco, surgiram algumas preocupações da minha parte sobre como isso iria

progredir, mas – com o passar do tempo, a progressão do relatório e algumas conversas com a Flávia – parte dessas preocupações desapareceram.

Ao mesmo tempo, foi definido o nome do blog. O nome inicialmente pensado, após uma pesquisa, foi descartado pelo fato de que já era usado por um estúdio de gravação musical no Mato Grosso do Sul. Entretanto, o tempo de busca por um novo nome não demorou e logo cheguei ao nome Mídia Black para o blog.

Em seguida, uma nova entrevista foi marcada com a graduanda Natalie Melody via Google Meet. Mesmo que curta, a entrevista agregou ao projeto, com Natalie relatando sobre projetos anteriores os quais teve que "se intrometer" no roteiro para que o produto final fosse mais crível e verdadeiro para com o público. Além disso, a conversa com a entrevistada também foi divertida.

Quase que simultaneamente, o blog Mídia Black começou a ganhar forma na plataforma Wordpress, a qual havia sido trabalhada durante algumas aulas de Webdesing. O blog começou a ser separado em seções, as quais foram destinadas às matérias escritas, aos vídeos juntamente com entrevistas, podcasts e um pouco sobre mim.

Além do blog, estavam sendo trabalhadas as outras redes complementares, como o Spotify, o canal do YouTube e a página do Instagram, a qual foi a última a ser criada. As entrevistas com a ilustradora Ana Cardoso e a publicitária Victória Sena foram ambas publicadas exclusivamente no Spotify enquanto a entrevista ping-pong com Natalie Melody foi publicada no YouTube. Mesmo tendo sido criada por último, a página do Instagram foi essencial para divulgar as publicações feitas no blog e nas outras redes do Mídia Black.

Com a data da banca de TCC se aproximando, qualquer correção necessária tanto no relatório quanto no produto gerava ansiedade. No entanto, conversar com a Flávia se mostrou essencial para acalmar os ânimos e focar no trabalho árduo de TCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas e das pesquisas realizadas, foi possível identificar que ainda são necessárias muitas discussões por parte da população para se alcançar a equidade dentro do meio audiovisual, assim como fora desse meio. Ainda há pouquíssimos negros participando da produção de filmes, desenhos e séries de TV, o que faz com que a grande maioria dos personagens negros apresentados nas telas sejam mal representados, mal desenvolvidos – com poucas camadas e personalidade – ou até mesmo estereotipados, exercendo papéis de serviçais, alívio cômico ou até criminosos.

Com maior representatividade negra em filmes, jogos e séries, mais a população negra é empoderada, assim criando mais oportunidades para se discutir questões socioculturais presentes na atual sociedade.

A partir das entrevistas realizadas com as fontes e também com as leituras realizadas em livros e reportagens, concluiu-se que quanto mais os negros forem apresentados no meio audiovisual, sem estereótipos ou exageros, a própria população negra passa a ganhar espaço na sociedade, e assim, ampliando as possibilidades de vida, carreira profissional e também ascensão social. Não só isso, mas também essa população passa a questionar o porquê dos negros não serem vistos desempenhando determinados papéis sociais e o porquê das injustiças sofridas.

Outro aspecto destacado durante as entrevistas e pesquisas é o fato de que é necessário dar realismo aos personagens criados em filmes e séries audiovisuais. Com isso, é preciso mostrar ao público que tais personagens fictícios também passam por situações comuns, enfrentam situações de racismo no cotidiano e passam por dificuldades nos ambientes profissional e pessoal. No entanto, ao mesmo tempo em que isso é apresentado, deve também ser mostrado o personagem, seja protagonista ou não, lutando para mudar as situações adversas em que se encontra, evidenciando toda a sua força, habilidade e capacidade.

Além disso, a nova geração também pode vir a ser inspirada por projetos com maior representatividade negra. Ainda segundo informações coletadas durante toda a pesquisa e entrevistas, conteúdos com tema de super-heróis, seriados adolescentes, jogos de videogame e outras produções protagonizados por negros são essenciais para que as crianças e adolescentes almejem se tornar adultos melhores e tão espetaculares quanto as figuras inspiradoras que viram durante a infância. Filmes como Pantera Negra e Homem-Aranha no Aranhaverso dão exemplos de personagens os quais os jovens podem se inspirar e sentir mais representados

socialmente, além de incentivá-los a discutir questões raciais com amigos, familiares e professores, e assim, buscar em blogs, livros e outros sites, novos conhecimentos que contribuam para essa discussão.

Portanto, a representatividade negra no meio audiovisual é extremamente importante para a população, tanto para a comunidade negra quanto para pessoas de outras etnias. A partir de uma maior representatividade, discussões sobre negritude e o lugar do negro na sociedade, além da importância da figura negra no ambiente escolar – tanto sobre a história de comunidades africanas e afro-brasileiras quanto com a presença de professores e funcionários negros – podem ser difundidas para uma gama maior de pessoas. Mesmo que uma inclusão maior de personagens exemplos de representatividade negra seja apenas um passo para se discutir questões raciais e, por meio deste, atingir a equidade entre raças, ela é mais que fundamental para trazer consciência e conhecimento para toda a população, independentemente da idade e origem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Jandaíra, 2018.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho, ZAGO, Gabriela da Silva. **Mapeando os Caminhos do Jornalismo Transmídia: Proposta Metodológica para Observação de Veículos e Interações de Leitores em Mídias Sociais**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Acesso em 6 de maio de 2018.

BITTENCOURT, Marina. **Representatividade no cinema: a falta de protagonismo negro nas telonas**, 2020. Disponível em ECA-USP JORNALISMO JÚNIOR: http://jornalismojunior.com.br/representatividade-no-cinema-a-falta-de-protagonismo-negro-nas-telonas/. Acesso em 25 de agosto de 2022.

CORREIO BRAZILIENSE. **Estudo mostra que negros são minoria no audiovisual brasileiro**, 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml Acesso em 10 de maio de 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

HUNT, Darnell; RAMÓN, Ana-Christina; TRAN, Michael. **Hollywood Diversity Report 2019: Old Story, New Beginning**, v. 1, 2019. Disponível em: https://socialsciences.ucla.edu/wp-content/uploads/2019/02/UCLA-Hollywood-Diversity-Report-2019-2-21-2019.pdf Acesso em 10 de maio de 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2021.** Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf. Acesso em 1º de outubro de 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Editora 34, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

VIANA, Thamires. **Conheça a trajetória e os marcos do Cinema Negro**, 2021. Disponível em Cine Click: https://cineclick.uol.com.br/noticias/trajetoria-marcos-cinema-negro. Acesso em 25 de agosto de 2022.

APÊNDICES

Entrevista 1 - decupagem

Entrevistada: Ana Flávia Cardoso, ilustradora e autora de histórias em quadrinhos.

Como você via a representatividade negra na sua infância?

Quando eu era criança, sempre consumia muita coisa de animação, e até outros produtos de entretenimento, eu não tinha personagens com os quais me identificava. Seja nos desenhos, séries de TV, videogame e até nos meus brinquedos, havia um padrão predominantemente masculino e branco, enquanto as personagens femininas se encaixavam no padrão estereotipado, fragilizadas e, mais uma vez, brancas. Então, não cresci com grandes referências de representatividade negra.

Sempre fui uma grande consumidora de cultura pop e, quando eu era menor, gostava muito da arte de fazer cosplay e histórias em quadrinhos, assim como meus amigos. Como a maioria deles eram brancos, conseguiam escolher com facilidade os personagens que iriam se fantasiar, mas já eu pensava: “E eu? Do que eu vou fazer cosplay?”.

O único que consegui fazer na vida foi o da Diana, de Caverna do Dragão, [risos] porque essa era a única personagem que parecia comigo naquela época, sabe? Ela tinha o cabelo parecido como o meu, a pele parecida com a minha e isso era uma coisa que eu não via em outras realidades da animação, personagens com quem eu realmente me identificasse.

Com essa falta de figuras nos desenhos com quem eu me identificasse, acabava criando afinidade com alguns poucos protagonistas masculinos, porque era o que tinha na minha infância. Primeiramente, lá na década de 1980, tínhamos esse problema nos estúdios de animação de não haver pessoas que estivessem dispostas ou aptas a falar sobre a representatividade negra e, segundo, pelo fato de que quem criava esses produtos eram homens brancos que tinham em mente como público alvo os meninos.

Isso tudo foi mudando à medida em que a população negra foi se organizando para combater o racismo e a internet tem sido fundamental para compartilhar e disseminar o discurso

antirracista, o que contribuiu para que houvesse uma melhor representatividade negra no meio audiovisual.

Minha mãe, por exemplo, vê nas novelas que os papéis de empregados e serventes eram passados a atores negros. Como isso é novo para ela, ela diz: “Ah, é porque preto tá na moda agora”, mesmo ela sendo preta [risos]. É porque esse protagonismo é algo que ela não via antes e daí eu explico: “Não, mãe. Preto sempre existiu, preto esteve sempre na moda. A questão é que o ‘padrão’ era outro”. De uns anos para cá, vimos atores negros ganhando papéis de maior importância tanto nas novelas quanto em filmes e propagandas.

E como você vê hoje a representatividade negra?

Eu vejo que a mudança está acontecendo, mas por um viés muito mais capitalista, de mercado, sabe? “Se você não emprega, você não tem audiência”, mas não é só isso. As produções audiovisuais, assim como as pessoas – principalmente os jovens – estão mais politizadas do que há 30 anos. Como eu disse antes, se um filme ou série não conversar com um público, as chances de lucrar são menores.

Eu mesma quando assisto a um filme e não houver uma representatividade significativa, eu já nem termino o filme. Claro que não é sempre assim, me esforço em casos de diretores que gosto, por exemplo, mas tenho essa restrição.

Eu acredito que só vamos ter uma representatividade negra sincera e real no cinema e em outras produções quando houver mais pessoas pretas produzindo, trabalhando na indústria de entretenimento. Não tem que ter só atores e atrizes negros, mas também roteiristas, diretores, figurinistas e produtores. Já vi ótimos atores em papéis estereotipados pelo fato de terem sido escritos por pessoas não pretas.

O Brasil é um país muito diverso, com muitas etnias e vários olhares e opiniões diferentes. Se quisermos fazer um entretenimento que seja para todos, temos que compartilhar esses olhares, e assim diversificar as equipes de trabalho também. Só assim para evitarmos gafes e problemas de representatividade e discussões.

Por exemplo, eu vou ter uma visão de mundo totalmente diferente de você. Até mesmo se se a gente viesse dos mesmos lugares, por você ser um homem, eu uma mulher, nós vamos ter visões um pouco diferentes. Então a minha percepção do negro no meio audiovisual é que sim está havendo, tem o interesse em modificar. Eu percebo, por exemplo, principalmente nas produções infantis.

Hoje quando você vai fazer uma série animada, existe uma preocupação em diversidade, em fazer personagens com etnias diferentes. Inclusive, a única série em que trabalhei, e que não saiu ainda, fui chamada pro Sítio do... do Ziraldo, pra fazer O Menino Maluquinho. O Ziraldo, por mais que eu ache ele problemático, eu percebo que existe... a obra dele reflete à época, né, que ele escreveu, tendo a maioria dos personagens brancos. O mesmo com Maurício de Souza, que tinha só o Jeremias como personagem negro. Então, assim, essa falta de representatividade que teve.

E aí, a Netflix vai fazer a série animada do Menino Maluquinho e eles me chamaram para fazer a Julieta, que era uma personagem branca virar uma personagem negra. Então aí eu desenvolvi uma nova Julieta, toda personalidade dela foi muito baseada na personalidade da criança que eu fui, porque a Julieta branca do Ziraldo lembrava um pouco eu quando era criança, porque eu era uma menina bem encapetada. Minha mãe teve muito problema comigo, assim, porque eu não fui uma criança quietinha, eu era muito bagunceira, muito encapetada, brincava com os meninos, eu jogava bola, empinava pipa, andava de carrinho de rolimã. E eu imagino que a a nova Julieta vai trazer uma visão do Ziraldo pras crianças semelhante a que eu tive.

As produções audiovisuais estão inserindo a representatividade e a discutindo de maneira correta?

Isso é muito complexo. Quando criança, eu gostava de assistir aos desenhos do X-Men e o grupo, tanto no desenho quanto nos quadrinhos, discutia sobre o que é ser diferente e a importância da diversidade, mesmo que houvesse uma defasagem de personagens negros no desenho. Até mesmo os questionamentos que o vilão Magneto trazia eram muito legais. Outra série era Todo Mundo Odeia o Chris, que era uma sátira de um outro seriado de uma família branca, discute questões de racismo com determinado humor.

No entanto, parece que muitos filmes de Hollywood só querem exaltar os pretos em filmes de escravidão, mas não é só isso que a gente tem para mostrar. Quando eu vou fazer projetos, em geral, seja em quadrinhos ou em outras mídias, eu confesso que eu fico um tanto irritada quando me chamam só para fazer coisas ligadas à questões negras. Em 2022, eu entendo a importância de discutir racismo ou representatividade negra, mas deveríamos poder falar sobre o que bem entendermos, porque somos mais que apenas as nossas dores.

Por exemplo, eu assisti à série *How To Get Away With Murderer*, com a Viola Davis, e lembro de ter pensado como é incrível ver uma advogada negra poderosa com uma trama fantástica. Claro que há episódios onde a questão racial é levantada, mas esse não é o foco do seriado, e isso para mim é maravilhoso! Isso é o que eu gosto de ver na televisão.

Um dos meus últimos projetos foi o quadrinho “Contra Tempo: Uma Viagem de 200 anos”, que conta a história da Independência do Brasil através do olhar de uma historiadora negra que viaja no tempo. E o mais legal é que o tema principal não é racismo.

Para mim, o importante na representatividade negra no meio audiovisual é que mostre o negro vivendo e sendo mais do que já foi estabelecido pela sociedade. Como não conseguimos mudar a sociedade brasileira da noite para o dia, não conseguimos mudar rapidamente o fato de que os lixeiros são em maioria pretos e os políticos são majoritariamente brancos, na arte podemos imaginar mundos onde o negro pode ser e estar onde quiser.

E é por esse motivo que amo e estudo a arte, pois a pessoa vai conseguir se identificar e se sentir representada vendo aquele personagem que é exatamente como ela sendo, por exemplo, um grande médico ou empresário.

Pelo fato de eu ser uma pessoa que sou da parte de criação, sou uma pessoa racializada, eu fico muito incomodada quando me chamam só para trabalhar com histórias, projetos de causas relacionadas a racismo. É importante, mas, por exemplo, estou fazendo uma graffic novel da MSP, estou fazendo o Mingau, e aí eu virei e falei assim: “pela primeira vez me chamaram para fazer um personagem que não é negro”, isso porque todo o universo da Magali, Mingau seu Carlito, da Turma da Mônica é um universo branco. Aí eu falei assim: “ah, então o jogo virou, não é mesmo? Só me chamavam pra escrever sobre pretos e agora eu vou escrever história de pessoas brancas”. Então eu fiz questão de colocar o antagonista nas histórias o

Jeremias e mais alguns personagens pretos e criei novos personagens pretos para interagir no meu mundo. A família que eu vou escrever a história até pode ser branca, mas esse meu mundo não é branco.

Como o aumento da representatividade negra no meio audiovisual pode ser benéfico para a nova geração?

Eu não sou uma pessoa que gosta tanto de produções da DC Comics e Marvel, mas o Homem-Aranha é um dos poucos que gosto mesmo, porque ele não é pautado simplesmente em salvar o mundo, ele tem as questões pessoais para resolver. Quando assisti a Homem-Aranha no Aranhaverso – além de ser uma animação excelente em termos de produção – eu confesso que imaginei que o público iria receber muito mal o filme, porque o protagonista seria um garoto negro, ao invés do já tradicional Peter Parker, mas foi um sucesso.

Eu raramente vou ao cinema para assistir a um filme duas vezes, mas eu fui sozinha na primeira vez e depois decidi que tinha que levar minha sobrinha, porque tinha muitos elementos ali que ela gosta e se identifica. Mesmo não acompanhando esse mundo de heróis, é importante que as crianças se vejam nessas figuras e em cenários diferentes dos quais elas e os parentes vivem para que, assim, almejem ser algo muito maior do que a sociedade dita.

Como foi quando foi premiada pelo seu primeiro quadrinho?

No final de 2018, eu lancei um quadrinho na Comic Com Exprience, que foi meu primeiro quadrinho por editora. Então, Sidney Goodman, que é um dos maiores editores de quadrinhos da Turma da Mônica, me parabenizou pelo meu lançamento e fez resenha, fez textos, eu saí em vários sites, blogs, capas de revista, fui indicada ao prêmio Cubo de Ouro e quando isso aconteceu eu me senti uma pessoa branca. Eu até falei isso em entrevista. Quando vieram me perguntar, eu respondi: “eu estou me sentindo ego de uma pessoa branca, posso?”.

Entrevista 2 - decupagem

Entrevista: Victoria Cassia Sena da Silva, publicitária

Como é vista a representatividade negra dentro do meio publicitário?

A publicidade tem evoluído em vários sentidos, ela já foi por si só estruturalmente muito racista, muito excludente e percebo, em análises desde a universidade, que a publicidade dita comportamentos aceitáveis, né? Então a partir do momento em que as pessoas veem algo que aconteceu na publicidade, aquilo já se tornou aceitável. Você pode perceber que sua avó vai falar: “nossa, eu vi uma propaganda tinha que uma mulher, um casal gay”. Então a gente ainda vê como isso reverbera muito nas pessoas e nas famílias. Pode acontecer nos filmes, nas revistas, mas quando vai pro meio publicitário, a coisa fica de fato séria, ela determina um comportamento como normal. Então vem evoluindo, a inclusão vem sendo cada vez maior, mas ainda tá longe do ideal, né?

A gente tem uma população negra, juntando pessoas negras e pardas no Brasil, 56% da população, mas geralmente as publicidades não refletem isso, mas andando na rua você vê outdoor, revistas, são várias esferas várias camadas e tem as camadas de influenciadores digitais. Eu fiz uma pós-graduação em 2020, meu TCC foi sobre a importância dos influenciadores negros e eu foi feita uma medição entre o que as agências pensavam, o que o público pensava e como a plataforma reagia a esses influenciadores negros. Então, mesmo quando as marcas contratam influenciadores negros, eles tratam eles para um tema específico, causando uma sub representatividade para assuntos qualqueres. Então, geralmente, esses influenciadores estão inseridos em categorias como beleza, então a gente não vê influenciadores negros como referência em jogos, em culinária ou em temas mais nichados, é sempre um tema mais abrangente, que é onde tem maior possibilidade de serem contratados. Mas mesmo assim eles são contratados para falar sobre raça.

Você vê se as produtoras cinematográficas têm realmente dado oportunidades para cineastas negros?

Acho que, tipo, a Netflix é um bom exemplo. Eles têm se esforçado muito criar condições de pessoas negras produções com pessoas negras, tipo transformar Nigéria e África do Sul em polos cinematográficos mundiais, com diretores pretos, escritores e roteiristas. Acho que esse movimento é muito importante e é isso mesmo, essas pessoas sempre existiram e agora eles meio que estão correndo atrás para poder chamar para perto porque não existe só o Spike Lee, exitem outras pessoas. O Jordan Peele, por exemplo, foi incrível a atuação dele em filmes como "Corra!", "Nós" e acho que Donald Glover, para mim, é um gênio. Atlanta é uma coisa assim: toda vez que eu assisto eu penso "isso aqui é muito foda, isso aqui é muito foda". Ele traz a situação dentro do cotidiano e ele mexe com a questão... eu já tô mudando de assunto sem querer, mas ele mexe com o surrealismo ali que é meio surreal mesmo você ser uma pessoa negra no mundo. Tem umas cenas muito boas que são cenas de dois segundos, mas que falam muita coisa.

De que maneira seria melhor realizar a construção de um protagonista negro?

Quando uma história é contada ao redor de uma pessoa negra, não tem como – eu acho – abordar as questões raciais, o racismo que ela sofre, a menos que seja uma sociedade totalmente fictícia. Se a pessoa vive na mesma sociedade que a gente vive, os problemas têm que ser abordados da mesma forma, e usualmente as pessoas sentem falta. Elas falam: "meu, como que essa pessoa não é afetada absolutamente nada?". No caso do Homem-Aranha – eu não assisti esse filme do Aranhaverso e tal – acho que até deveria porque depois eu assisti o Entergalatic agora e disseram que muitas referências desse filme vieram do Aranhaverso que eu queria ver para entender melhor até, mas não vi porque era coisa de criança, mas entre aspas, né, porque ouvi falar muito em outras situações em que a história do Homem-Aranha combinava muito com a história de uma pessoa negra nos Estados Unidos

E aí falo: "meu, se pessoas negras estão falando isso é porque é, né?", e aí eu lembro que ouvi uma música do Logic uma vez que – é uma pessoa que se declara birracial também, porque tem uma mãe branca e um pai preto e ele é rapper – e ele fala que o Homem-Aranha deveria ser preto. E isso ficou na minha cabeça um tempão e não fui atrás. Mas aí eu pensei "se toda uma comunidade está falando que deveria, é porque deveria, então eu acho que trabalhar em cima da história dessa Aranhaverso para além das condições raciais dele e das condições sociais

dele foi também uma coisa que veio da sociedade de, tipo, se relacionar com a história de um cara branco e pensar “esse cara branco é preto!”. Para além da pessoa ter uma personalidade, ser uma pessoa inteligente, ser uma pessoa interessante, ser uma pessoa, sei lá genial ou engraçado, essa pessoa ainda assim é negra. Então, as coisas vão fazer ela ser tudo isso que ela é o fato dela ser uma pessoa negra também.

Em relação aos jogos de videogame, muitos dos protagonistas são personagens brancos. Como a indústria dos jogos poderia mudar esse cenário e se tornar mais inclusiva?

Eu acho importante essa questão de criar seu próprio personagem, mas eu acho que é ainda mais importante a indústria reforçar esse herói negro. Assim, de você ter alguém com personalidade, com destaque e não ser só uma pessoa coadjuvante na história que geralmente não tem história, né? Acho que hoje tem melhorado essa questão. É que antigamente, quando a gente ia jogar, os personagens já vinham prontos, então a gente podia escolher dentre as opções que existiam ali.

Em Street Fighter, tinha um ou dois personagens que eram definitivamente pretos, mas acho que abre a cartela de personalidades de ter um personagem parecido com você. Eu tenho lembrança de The Sims de criar um personagem parecido comigo. Acho que tem uns seis anos, acho que desde 2016 a EA Games tem melhorado essa questão de construção de personagens no The Sims. Ainda assim com alguns problemas, por exemplo, faltavam tonalidades de pele. É um produto digital, não tem como você colocar menos opções de tons de pele. Tinha uma maior variedade de tom de pele branca do que de pele negra e hoje está muito mais diverso, mais abrangente na questão de gênero.

Por exemplo, os The Sims podem usar as mesmas roupas, tanto pra homens quanto pra mulheres. Isso só aumenta a gama de variedade, na construção de corpos gordos e magros. Enfim, está muito personalizável. Eu acho que é importante porque, também, eu não conseguia fazer uma personagem que se parecesse muito comigo, e agora eu consigo! Ainda assim reforço que a indústria precisa construir personalidades que tenha aparências pretas e, talvez, histórias pretas por trás, sabe?

Entrevista 3 - decupagem

Entrevistada: Natalie Melody Chaves Soares, estudante de Artes Cênicas

Tá bom. Meu nome é Natalie Melody... tem que ser meu nome completo? **Eu preferia.** É Natalie Melody Chaves Soares, tenho 22 anos, eu sou estudante de Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD aqui do Mata Grosso do Sul, e atualmente trabalho com educação especial. Bem aleatório. E atualmente estou entrando na área de trilha sonora e sonoplastia.

É possível perceber no meio acadêmico da sua universidade um tratamento diferenciado para com alunos negros? Se sim, isso ocorre entre alunos e professores?

Dentro da minha universidade, dentro do meu curso não temos nenhum professor negro. Alunos negros temos pouquíssimos. Dentro da minha sala, nós temos três mulheres negras e dois homens negros e dentro de uma sala que se iniciou com 45 alunos. Bem, eu acho que sim, existe um tipo de tratamento bem diferenciado. No semestre passado tive uma situação em que eu fui muito cobrada pelos professores, no sentido de que eles exigiam uma maturidade maior minha do que de alguns alunos brancos e foi algo que eu tinha percebido durante... depois de um tempo assim, a forma como os professores me tratavam. E isso para mim foi uma coisa muito chocante quando tive um baque que tinha eu e uma outra aluna que estavamos tendo dificuldade, podemos assim dizer, só que eu tinha que mostrar maturidade e a outra aluna ela recebia acolhimento.

Como são abordadas as questões raciais entre os atores e artistas do seu curso?

Dentro do meu curso tem uma professora que trabalha corpo, ancestralidade e ela é uma mulher branca bem do tipo que se apropria de culturas. Ela se coloca muito no lugar de uma pessoa negra, de uma pessoa indígena. Isso é bem estranho. Inclusive, eu tô tendo aula com ela agora sobre ritual e tudo mais. É bem esquisito... é muito difícil de ser trabalhado no estado do Mato

Grosso do Sul. Pelo menos aqui na região que eu moro, na cidade que eu moro, é uma região bem branca. É uma região muito branca, é muita gente que veio do Sul principalmente, que mora aqui na região de Dourados, então é uma coisa que raramente passa, entendeu? As pessoas, os alunos que entram no meu curso é muita gente que vem de fora. Então, por exemplo, eu sou de São Paulo e vim fazer faculdade aqui, tem gente que veio do Ceará fazer faculdade aqui. Então é uma coisa que sempre foge.

Assim, os alunos eles normalmente não pensam sobre as questões raciais, porque a maioria é branco, então eles nem conseguem enxergar para além do umbigo. Quando entra uma pauta racial dentro do curso, dentro das disciplinas, somos nós que trazemos , a gente fala: “gente, isso daqui não tá legal, vocês não estão percebendo isso?”, “Gente, olha como que X pessoa tá tratando não sei quem!”, “Por que que essa cobrança tá caindo em cima da gente?”. No semestre passado.. no semestre retrasado a gente trabalhou sobre o caso do menino Miguel durante a pandemia – que ele caiu lá de cima do apartamento que a patroa deixou... negligenciou ele, patroa da mãe – e quando você via os trabalhos dos alunos, dos outros alunos não negros, né, alunos brancos, você via que existia um distanciamento muito grande, né, como tal brecha. Mas eles não... é como se fosse uma obrigação e não como se realmente tivesse um estalo de questões raciais, e aí teve toda essa troca com os outros alunos, por exemplo, comigo, com a Luanda, com a Carol, que nós tínhamos um negócio afetivo, de choque, porque são pessoas iguais a gente, são coisas que acontecem com pessoas iguais à gente. A gente tem essa troca, mas nunca parte das pessoas brancas d dentro do curso.

Em sua opinião, como incentivar o público a partir das produções artírticas a discutir racismo e empoderamento negro?

Pôs, essa é difícil. Eu acho que isso tem que ser inserido desde desenhos, desde a infância. Porque se você tentar isso agora pra um adulto, vai acontecer que nem tá acontecendo com a Ariel, eles vão se rebelar, se revoltar. Eles tão percebendo que a gente tá ocupando esses espaços. Como que a gente vai discutir sobre isso? A gente tem discutir isso desde a infância. Chegar agora pra um adulto, a gente mora num país estruturalmente racista, ele vai se rebelar que nem tá se rebelando com a Ariel ou com outras produções que a gente já teve. Eu tô achando incrível que a nossa elfa vai ser negra, apesar de que ela vai ser verde.

Por exemplo, agora mesmo a gente tava trabalhando com kiriku – fica aí a dica –, mas se você leva isso para as crianças, elas conseguem compreender um pouco mais e, no futuro, a gente consegue abordar outras obras, mas é necessário também para os adultos. Não estou falando que não é necessário. Mas acho que é um jeito.

Em sua opinião, o que a indústria do cinema pode fazer para se tornar mais inclusiva para todos os grupos de pessoas?

Nos colocar para papéis normais, que não sejam racializados, os específicos. A gente só entra num casting se lá tem bem específico "mulher negra", "mulher asiática". Se estiver só "mulher", a gente não entra, eles optam pela mulher branca. Por que a gente só tem ocupar espaços exclusivamente racializados? A gente não consegue ocupar... por exemplo, eu nunca conseguiria fazer a Sandy de Grease. Eu sou apaixonada por musical, dá pra perceber. Eu sou muito apaixonada por musical, eu nunca vou conseguir fazer a Sandy. Por quê? Porque ela não é uma personagem racializada. É como se nós só ocupássemos lugares que foram escritos para destinar para gente. Algo que seja abrangente, a gente nunca leva.

Eu tenho relatos pessoais de trabalho com essa questão racial. Eu queria contar porque a Lalau me indicou pra esse trabalho. Eu não sei se você sabe, nós fizemos Terapia Remota juntas, a web-série que ela gravou via remota, ela me chamou de última hora. Tivemos um puta problema pra gravar esse episódio. Eu disse que eu não queria gravar esse episódio porque achei ele raso. Eu não iria gravar esse episódio se ele não fosse reescrito, porque eu não tive contato com o roteiro antes. Eu fui a última pessoa a ser escalada porque, três dias antes da gravação, a menina desistiu. Eu fui na cara e na coragem, sem construção alguma de personagem pra gravar a série.

E o episódio 9 eu acho, ou oito não lembro, mas acho que é o nove, ele de questões raciais e foi a coisa mais rasa que eu vi na minha vida. Eles não consultaram nenhuma pessoa negra para escrever aquele episódio e eu falei que simplesmente não ia gravar se não alterasse aquele roteiro, porque ele se baseava na menina negra, no último episódio de se autodescobrindo como uma pessoa negra só para concorrer nas cotas para entrar na Universidade. E eu fiquei pistola da vida, eu falei assim: "eu sei que é uma comédia, eu sei que é engraçadinha, mas ser uma pessoa negra, se autodescobrir uma pessoa negra não é assim, gente! Eu não tenho condição de gravar isso". Não era minha personagem que se descobriu com uma pessoa negra, que se

entendia com uma pessoa negra, era de uma outra personagem, mas seu fiquei tão pistola da vida e aí eu entrei dentro do grupo de roteiro e fiz reescrever o episódio.

Quais peças teatrais e/ou filmes são essenciais para se discutir a representatividade e empoderamento negro?

Eu sou apaixonada por Hairspray, eu sou loucamente apaixonada por Hairspray. Agora está tendo uma peça sobre a vida da Alcione, por exemplo, que chama Marrom, que é com a Karin Hils – eu sou apaixonada pela Karin Hils –, nós tivemos Dona Summer, outro musical. Mas Hairspray, é um filme, também é musical, uma peça, que fala muito sobre o empoderamento negro, sobre questão de racialidade, e foi um filme que assisti quando eu era adolescente que eu lembro que me tocou tanto, mas me tocou tanto.

Porque quando eu era mais jovem, eu não me enxergava como uma mulher negra. Porque nós que somos "pardinhos", somos mestiços, a gente demora pra entender, pra se reconhecer. E aí, é sempre aquele estalo que dá na mente, então Hairspray pra é assim... é que eu sou apaixonada por musical. Então, eu acho uma obra importante, ela fala sobre questões raciais, sobre segregação nos EUA. Gostaria de um que retratasse a realidade daqui? Sim, mas não tenho agora, não consigo pensar.

Eu tava pensando aqui, quando você me convidou pra essa entrevista, quais foram alguns atores/personagens que fizeram, que me trouxeram representatividade e a primeira personagem que me veio foi a Biba, de Castelo Rá-Tim-Bum. Eu olho pra Biba, eu me vejo ali! E ela não é uma personagem caricata, ela não é uma personagem... é de desenho, então ela não é uma personagem sexualizada nem nada do tipo, e eu me via muito na Biba e ela foi muito importante para minha construção, pra esse meu entendimento. Aí depois que eu vejo: "cara, eu sou igual a Biba". Acho que dentro da minha auto-aceitação, do meu autoconhecimento como uma pessoa negra, pra mim o que pegou muito foi a questão dos youtubers.

Muito mais do que cinema, televisão, porque eu passei muito tempo sem ter acesso à televisão. Eu não tinha acesso à televisão dentro da minha casa acho que por volta dos meus 10 aos 13 anos eu parei de ter acesso à televisão, porque eu morava numa região que simplesmente não

chegava sinal direito. EU vou ficar aí na Biba, e aí eu comecei a ter acesso aos youtubers e aí que eu comecei a me compreender melhor como uma pessoa negra, porque eu conseguia ter acesso pelo YouTube a pessoas que são iguais a mim e narravam a sua vida, isso é legal.